

FOLHETIM

XV R 104 0580

Não pode ser vendido separadamente

49

CACIQUE JURUNA: UM BRASILEIRO PARA PRESIDENTE



O índio com a palavra

JURUNA — Tenho brigado muito para falar com o presidente Geisel, prá explicar problema do índio, explicar problema do Brasil e muita coisa que discutir com ele, mas, infelizmente, esse porteiro, esse secretário dele...

FOLHETIM — Não atenderam?

JURUNA — Fui atendido mas sempre falava assim: o presidente está muito ocupado, muita gente, não sei quantos milhares que recebe de gente por dia, por ano. Então eu sempre falava também: o presidente da República podia se interessar de atender um chefe de comunidade por ano. Ele recebe pessoal de fora, do estrangeiro, parece isso necessário pra ele. Então, nós somos brasileiros, o índio existe antes dele no Brasil, como presidente não pode atender? Também isso acho errado. O índio podia ser atendido pelo presidente da República. Eu, várias vezes, já falei muito com presidente da Funai, com ministro do Interior, então, lá em cima, eu queria explicar melhor ao presidente Geisel. Eu queria saber quanto quantidade de dinheiro que o Ministério recebe por ano.

F — A verba que é destinada para a Funai?

JURUNA — Pois é. Quanto a Funai recebe de verba por ano, por mês. Então eu queria discutir lá em cima como é que essa gente está gastando o dinheiro, o que é que essa gente faz com esse dinheiro, como que gente fabrica dinheiro, aonde que some dinheiro, onde fica, então eu queria discutir esse problema do dinheiro também.

F — No caso dos Xavantes, Mário, vocês já tiveram algum problema de não receber verba?

JURUNA — A verba, infelizmente, no Brasil inteiro, não foi mandada pro índio. Então o índio sustenta a família dele com sacrifício dele. Quem está ganhando a benefício do índio é a Fundação Nacional do Índio, o Ministério ligado com Funai, o Ministério ligado com presidente da República, porque ninguém recebe o dinheiro. Porque todo mundo paga imposto, todo mundo paga a renda, isso é dinheiro da Nação pra poder distribuir a cada um da Nação, a todo mundo. Aqui ninguém fabrica dinheiro próprio, de máquina. Agora, o índio também não pode receber um centavo direto com o presidente da República? Agora, esse dinheiro, aonde que a gente recebe? Então, o dinheiro mandado, o tanto que tem que mandar pro índio não pode sumir dentro do prédio.

O branco podia mudar tudo, porque eu não ganhei nada, nem um centavo também. O governo podia mudar e a gente ganhava salário. Agora, eu hunca entendi a política do Brasil. E o índio? Ele é dono da terra, não é empregado, nem escravo. O índio nunca viu um centavo para poder fazer negócio com a terra dele. Então, o índio não é dono da terra? O governo podia ajudar o amigo, podia mudar, podia dizer: "Olha! Nós podia ser empregado do índio. Esse não é o Brasil nosso. De quem é o Brasil? É do índio. Então, vamos dividir o dinheiro pra atender a comunidade. Porque nós é que somos empregados do Brasil, do índio. Nós é que vendemos a terra do índio e ele agora está sofrendo, sendo pisado pelo branco. E agora, porque nós não pode ajudar ele pra melhorar?" Então, não somos nós que podemos melhorar, eles é que

pode melhorar. Agora, tem outra coisa também: eu estou vendo aqui, a gente está morrendo de fome na cidade de São Paulo, no Rio de Janeiro, eu achei muito horrível. E quanta quantidade de pobrezinho que existe procurando terra, procurando sustentar a família dele! Será só gente rica que interessa para o presidente da República, que interessa para o Ministério do Interior? Eles não podem olhar o pobrezinho pra trás. Então eles tem que olhar todo mundo, olhar pobre, olhar rico, olhar todo o mundo. Não pode só olhar gente rica, porque gente rica vai soltar o dinheiro pro Ministério.

F — Ele devia olhar tanto pelo índio, como pelo pobre.

JURUNA — Pois é, né? Agora eu nunca tinha visto o governo fazer o jogo com gente da pobreza, nunca, nem a primeira vez, nunca vi. Só sempre escuto conversa, tem reunião na Assembléia, não sei o que é que é; tem reunião com deputado, não sei o que é; tem reunião do Ministério, não sei qual é o Ministério, só isso.

F — Mas reunião com o povo pobre você nunca viu.

JURUNA — Nunca vi.

F — Isso não acontece, né?

JURUNA — E não vai acontecer nunca. E, porque o Brasil tem muita vergonha também. A gente podia fazer o serviço bem feito, como é que vai ser o andamento do Brasil. E muitas terras dos índios já foi diminuindo, várias vezes, não é só hoje. Quando o português chegou, já começou pra poder vender a terra do índio. Até hoje existe ainda essa safadeza com o índio. O índio nunca aprendeu a safadeza do homem.

O índio quer aprender o que é necessário, o que é justo e quer o bem. Isso é que é importante. Porque nós não podíamos aprender muito a malícia do branco também, o vício do branco, que a gente tinha que aprender muita coisa errada. Isso já vem da civilização, que ensina a beber, leva o vício, leva o fumo, o cigarro, leva muita coisa errada.

F — O seu povo tem quantas pessoas?

JURUNA — Na Aldeia de São Marcos, Mato Grosso, tem mil e pouco.

F — E quanta gente bebe e fuma?

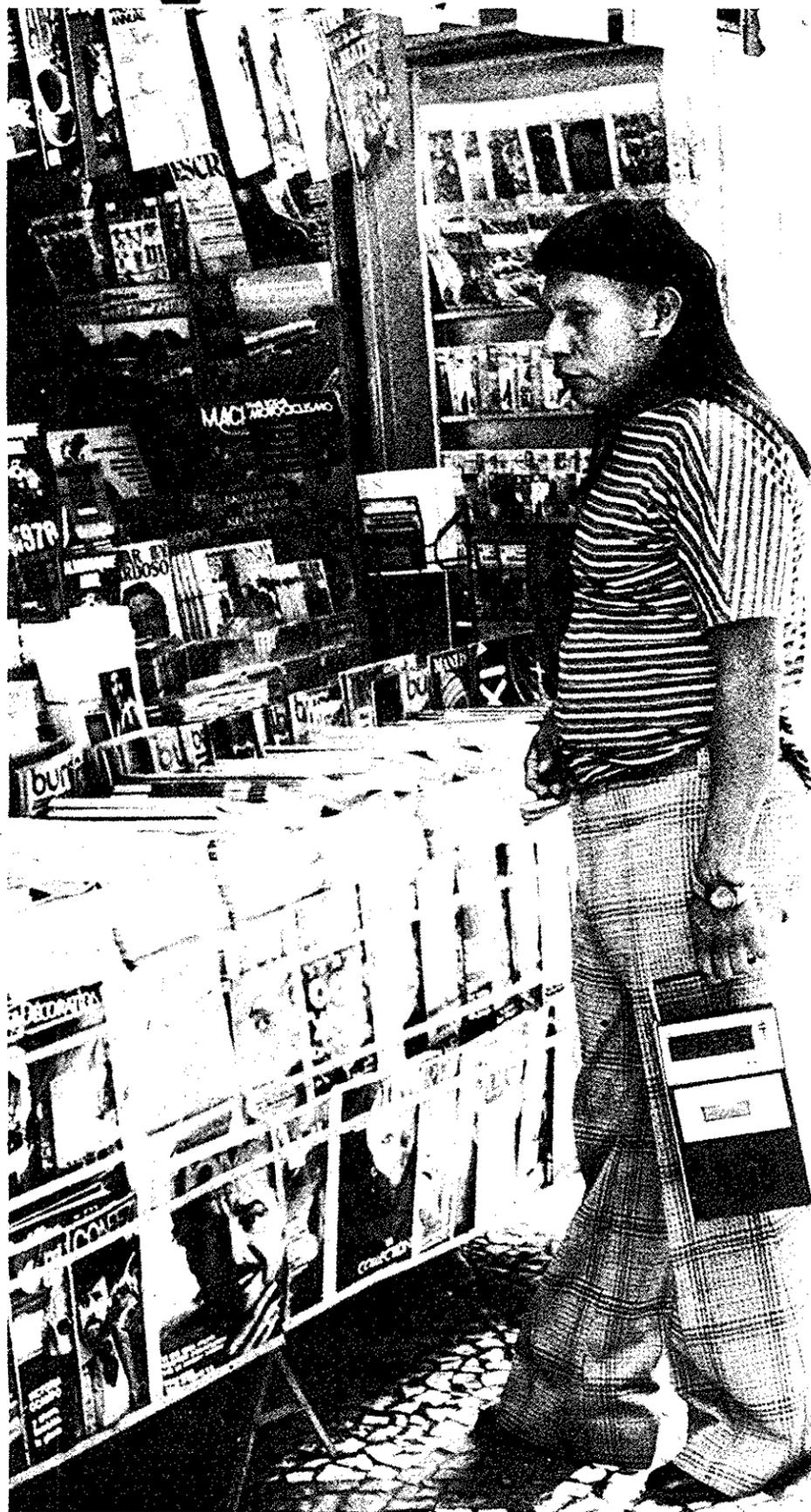
JURUNA — Bom, isso também não é culpa minha. O índio lá tá aprendendo a fumar cigarro mas bebida não deixa não.

F — Mas não tem uma bebida que é própria do povo Xavante?

Juruna — Tem sim: é bebida de raiz do mato.

F — Mas voltando ao que você estava falando...

Juruna — Tem muito governo brasileiro que é puxa-saco do estrangeiro, também. E isso eu posso dizer, vamos meter o pau direto nesse pessoal. Tem muito governo brasileiro que é puxa-saco do estrangeiro. Eu nunca vi fábrica do brasileiro em São Paulo. Sempre é fábrica do estrangeiro. Então o brasileiro foi nomeado pelo estrangeiro. Pra mim, o brasileiro não manda nada, viu? Quem manda aqui dentro do Brasil, nosso país, é estrangeiro que nomela. Não é só o índio que vai acabar, o brasileiro vai sofrer até mais tempo. Vamos dizer: o índio é pisado pelo brasileiro, o índio como escravo do brasileiro não tem mais terra, não tem mais casa onde pode viver. Isso é culpa de quem? É culpa do brasileiro. Acima do brasileiro, o estrangeiro.



Magalhães Pinto tentou falar com ele, por telefone, a semana inteira: a agenda do cacique Mário Juruna estava lotada. Entrevistas, audiências com capitães da indústria, políticos e militares. Sua viagem a São Paulo era de vida ou morte: conseguir tecidos para sua tribo, pois é época de frio em São Marcos, no Mato Grosso, onde fica a Nação Xavante. Juruna sabe tratar com os brancos - um gravador a tiracolo para promessas quase nunca cumpridas. Aqui, Juruna fala a Sérgio Gomes, João Marcos Pereira e Cristina Vilares, que também fotografou. E diz o que faria se fosse presidente, não só do seu, mas de todo o povo.

“Eu defendo o povo brasileiro: o índio, o caboclo, gente que sofre”



que nomeia o brasileiro. O brasileiro é empregado do estrangeiro. E isso a gente tem que dizer. É por isso que a gente vê pobreza, tudo. Nossos irmãos, tanta quantidade de pobreza que sofre aqui no Brasil. E quantas fábricas existem do estrangeiro aqui dentro do Brasil: petróleo, fábrica de tecidos, fábrica de não sei o que mais; tem fazenda de estrangeiro aqui dentro do Brasil. Isso é crime que branco faz. É um crime, é contra a Nação. É crime. A gente que é raça, a gente pensa, não é crime, porque quer o bem.

F — Como é isso?

Juruna — Tem gente fazendo muito errado, acabando com a terra do índio. Não existe a terra da pobreza e branco vai vender a terra do índio.

O que essa gente faz é crime, porque não se respeita a terra do outro, porque é falta de educação, é falta de respeito. Então é por isso que o governo vende a terra do índio. Eu vendo tanto, você pode ficar, então eu tiro o índio e boto fora, e fala que a terra não vale nada. Aonde o branco acha minério, o índio viveu lá também, então o branco é muito mais esperto do que o índio, já vê a terra boa, já conhece a terra boa, aonde já existe minério, já tira o índio e já boto fora. Então essa vai ser para o fazendeiro, o fazendeiro tomou conta e então o fazendeiro vai ser como um empregado do governo brasileiro. Isso não está certo, também.

F — E você chegou a dizer isso pro governo lá em Brasília, naquela época que você andou de gravador na mão?

Juruna — Não, eu antes já expliquei sim, mas sobre isso, agora, eu

não falei nada disso. Agora, isso deve sair também porque cada vez eu crio outro problema (risos). Cada vez crio outro problema.

F — Quer dizer que você nunca falou isso antes pra ninguém?

Juruna — Não. Nunca tinha falado isso assim. Eu já falei rapidamente com o pessoal mas não foi bem explicado. E isto porque não estou defendendo a mim. Eu não preciso de defesa. Eu defendo o povo brasileiro. Eu defendo o povo pobreza brasileiro: o índio, o caboclo, pois é muita gente que sofre. Então a gente podia criar outra lei. Não pode continuar essa lei passada. Precisa outra lei pra todo mundo respeitar.

F — E como é que essa lei devia ser feita?

Juruna — Mudar. Só mudar. Tem muito fazendeiro que toma terra do índio. Também isso não é culpa do fazendeiro. É culpa de Brasília, cabeça do Brasil, autoridade maior que manda penetrar o fazendeiro para invadir a terra do índio. O fazendeiro entra como posseiro. Ninguém entra rico, não. Todo mundo entra como posseiro pra poder invadir a terra do índio. Depois é que vira fazendeiro. Agora, também, o governo devia me respeitar, a nação do índio, do povo índio.

F — Povo que também tem um governo, não é?

JURUNA — Pois é. Pra eles não é governo. Então, eles pensa que só eles pode resolver tudo. Só eles que pode nomear para todo o Brasil. E dentro da reserva, dentro da comunidade, quem pode resolver? Não é o chefe que pode resolver?

F — Quem resolve é o governo da tribo.

JURUNA — Pois é. O governo da tribo.

F — Você perdeu em Brasília, tem pouco tempo, uma pasta com documentos importantes. Como é que foi isso?

JURUNA — Eu esqueci. Eu já tinha comprado passagem de Brasília e aí deixei na gaveta do carro. Assim, eu sai e fui embora e não lembrei na hora. Aí cheguei em Goiânia, aí lembrei do documento que esqueci. Aí, eu não podia voltar pra Brasília, continuei minha viagem pra Mato Grosso. Cheguei em Mato Grosso comuniquei por rádio da Sudeco pra Brasília, avisar a Funai pra procurar os documentos. Aí a pessoa procurou e ninguém achou.

F — Que documentos eram esses?

JURUNA — Eram documentos importantes. Era documento da reserva de Xavante de São Marcos, era documento relatando a briga com fazendeiro da reserva, de posseiro e tudo, e documento de que ano foi criada a reserva, quem fez o decreto da reserva de São Marcos, o nome do presidente. E o tempo de que foi tirado o fazendeiro e que ano recebemos a reserva, que ano foi dispensado fazendeiro da reserva. Então esse documento já estava tudo arrumado de como foi a luta dos Xavantes. Esse documento era especial, era também pra começar fazer livro, história sobre o índio, sobre todo o Brasil. Eu tinha preparado tudo, aí eu esqueci o documento e depois nunca precisou mais.

F — Como é que esse negócio de nossa história? Quem é que tinha escrito esses documentos?

CACIQUE JURUNA — Bom, foi meu irmão. A gente, quando acontece

alguma coisa, ele toma nota do dia, horário, do que acontece no dia, no mês, tudo. Então esse meu irmão estava copiando tudo.

F — Você também sabe escrever?

JURUNA — Pouca, pouca coisa.

F — Você estava falando da história antiga do povo Xavante. Como é que ficou guardada a lembrança, a memória da história antiga do povo Xavante?

JURUNA — A história a gente usa na cabeça. A gente guarda a história na cabeça e vem passando pra outro, vem lembrando pra outro, não pode esquecer. Essa história também não é como documento, que a gente pode rasgar, pode queimar, pode sumir. A gente guarda na memória, então vem e conta tudo direitinho. É a gente que passa pra outro, neto, filho...

F — Qual é a lembrança mais antiga que o povo Xavante tem da sua história?

JURUNA — A lembrança antiga, como a gente falava muito quando o português chegou aqui, o índio recebeu o português, agradou o português, ajudou também. O índio também conhecia ouro também, então agradava o português com aquele negócio. Aí, depois, mais tarde, vem mais portugueses, encheram o navio não é? Índio não é ruim, o índio é sempre muito generoso, é sempre muito franco o índio — recebeu o português e então fez amizade com português. Outro caso com português e misturava. Aí então o índio também matava a criação do português, então o português zangava com o índio, atirava no índio, atirava na índia, então, fazia muita sujeira, também. Naquele tem-

“Índio não usava arma de fogo, só apanhava; eu luto assim, na palavra”

po o branco enganava o índio, tapava o índio, enganava o índio, matava muito índio. Então, por isso, a gente, eu sou muito revoltado também. Mas hoje, é por isso que estamos enfrentando muito pra poder acabar com isso. É por isso que estou enfrentando. Antes a gente não ganhava também: O índio não ganhava guerra. Mas como índio não usa arma de fogo não podia ganhar porque o índio sempre usava flecha, arco. Então sempre apanhava. Fugia.

F — Quer dizer que o sentido da tua luta é de fazer com que o teu povo sobreviva.

JURUNA — Pois é. Que não venha acabar. Por isso eu estou enfrentando muito hoje pra poder me respeitar mais ainda.

F — E isso da história, da memória do povo Xavante ser colocado no papel, ser escrita?

JURUNA — Não. Está escrita na cabeça.

F — Sim. Mas você não considera importante colocar essa história no papel? Você não disse que estava preparando isso?

JURUNA — Já tinha preparado tudo isso mas a gente tem que andar devagar porque a gente não pode explicar errado. Então vamos explicar tudo certo, em cima da linha. Tem muita gente estudando.

F — Quem é que está estudando isso?

JURUNA — O pessoal Xavante. É pra poder juntar os documentos passados, pra poder juntar completo. A gente está pelejando pra poder cobrir todo o passado, pra poder sair uma história mais certa.

F — E como é que se faz isso? As pessoas vão lembrando?

JURUNA — Vai lembrando sim, vai passando pra outro, vai contando como a história foi no passado e o que é que houve no passado, como o pessoal viveu, assim, então a gente vem passando aquele passado.

F — E como é que está sendo escrita essa história?

JURUNA — A gente sempre procura a gente velha, que sabe contar história do passado, então a gente é que procura, tem muita gente, pessoal velho, 60 anos, 70 anos, que conta história do passado pra gente nova, pra poder entender.

F — E quem é que está pondo isso no papel?

JURUNA — É meu irmão e tem mais de dez pessoas.

F — E tem algum branco ajudando nisso?

JURUNA — Não. É uma história dos Xavantes mesmo. A gente está estudando ainda pra poder tirar a história mais certa. A gente está pelejando ainda pra poder arrumar toda a história bem certa. Porque a gente não pode estudar de qualquer jeito. Então, não pode sair muito errado também. Tem gente que estuda e depois vai dizer é isto, é isto. Não, não é isto. Então, risca.

F — E quem é que sabe o que é que está certo, o que é que está errado?

JURUNA — Não. Tem algum que conta diferente, e outro que conta certo, e outro que conta mais ou menos. Então, a gente procura quem conta muito certo. Então, esse vai ser copiado. Eu sou responsável pra poder dizer à pessoa, pra poder estudar aquele passado. Só que é outro que está cuidando do papel. Mas eu cuido, também, assim, explicando, conversando com o pessoal. Mas, papel mesmo eu nunca vi o quanto já foi feito.

F — Quem é que cuida do papel?

JURUNA — Pedro, meu irmão; José Luís, meu primo. O outro é o Guido.

F — Quantos anos você tem?

JURUNA — Tenho 37 anos.

F — Agora vamos mudar um pouco de assunto. Como é que é essa coisa de chefe?

JURUNA — Isso também é muito complicado pra eu explicar. A coisa do chefe já vem da tradição do passado, vem passando pra neto, com filho, com irmão.

F — E como é que o chefe é escolhido?

JURUNA — Não foi escolhido também não. Porque é assim: depois de

20 anos a gente vê quem é lutador, quem é treinador, quem defende muito o povo, quem não cria política. A gente tem que ser bom para o povo, tem que defendê-lo. É tudo Nação. Então esse pode ser como chefe. Quem nunca briga, quem não mata ninguém, ele só defende o povo. Quando acontece a guerra, então defende o povo dele. Então esse é que vai ser o chefe.

F — O que é política?

JURUNA — Política é a gente que fala mal muito do povo, que fica criando problema jogando um contra o outro pra poder sair briga.

F — Como é que você virou chefe?

JURUNA — Eu batalhei.

F — Desde quando você é chefe?

JURUNA — Eu estou com 3 anos. Antes eu era chefe de batalhador, o chefe guerreiro, defendia todo o povo índio porque naquele tempo a gente brigava muito. Quando eu cheguei aí eu tirei todas brigas. Aí, depois, eu criei outro problema da reserva. Eu estava sabendo que 800 índios estava vivendo com 14 mil hectares. Então eu achei muito pouco. Eu conheço também os limites, conheço mapa, mais ou menos, então eu achei muito pequena essa reserva. Aí eu aumentei mais para 180 mil hectares. Aí eu vou lutando, defendendo o direito do povo do Xavantes.

F — Lutando com quem? Como é que você conseguiu aumentar a reserva?

JURUNA — Lutando, assim, na palavra. Eu falava com o governador do Mato Grosso, eu falava com o pessoal do Inbra, com o presidente do Inbra, com o presidente da Funai, eu brigava com o Ministério do Interior. Através do Ministro do Interior falava com o vice-presidente da República.

F — Quem era ele?

JURUNA — General Adalberto, mas ele não entende o problema do índio, viu? Eu falava com o ministro Golbery, da Casa Civil.

F — E esse entende?

JURUNA — Esse homem entende, viu? Tem muito que entende.

F — Bem, aí você foi falando com toda essa gente pra aumentar até 180 mil hectares a reserva dos índios Xavantes. Conseguiu?

JURUNA — Consegui. O Presidente, parece Costa e Silva, criou o decreto da terra dos Xavantes. Aí depois veio o dr. Emílio, como chama?

F — Garrastazu Médici.

JURUNA — Continuou também o decreto outra vez.

F — E com Geisel?

JURUNA — O Geisel fez sair todo o mundo. Tirou fazendeiro, tirou pessoal, tirou posseiro, tirou tudo. Nós começamos marcar o limite, assim com picada, para poder tirar o pessoal, quem estava dentro tinha que sair fora.

F — Aí a área ficou de 180 mil hectares só pra Xavantes?

JURUNA — Só pra Xavantes. Agora, eu briguei muito com o pessoal também. Eu brigo com todo mundo, com autoridades, porque ninguém aguentava também minha briga. Todo mundo a gente enjoava também. Aí fiquei lá em cima também (risos) pra tirar fazendeiro. Se dependesse só do presidente, do ministro, não tinham resolvido ainda o problema do índio.

F — Quer dizer, tudo isso que você fez, acabou então te dando autoridade pra ser o chefe? Como é que foi isso?

JURUNA — Aí que subi. Eu era chefe guerreiro também, aí eu subi também como autoridade.

F — E como é que foi essa escolha?

JURUNA — Olha, o Xavante fez assim, como o branco vota pra direção, pra Prefeitura. Então eu entrei fui convidado assim, com papel, com voto, fui inscrito. Aí depois eu não aceitava aquele negócio, a coisa de civilização da cidade. Não é essa a tradição nossa. Essa é a tradição de civilizado pra poder votar na Prefeitura. Agora é porque o Xavante estava criando isso pra começar, pra poder votar e arrumar o chefe da comunidade dele. Aí foi assim. Eu não entrei assim. Eu falei com você.



“Riqueza do índio é festa, corrida, a alegria, isso é que é riqueza”



que a gente prá ser chefe já vem de passado, de séculos e séculos, bisavô, pai, então a gente vem passando. Então, eu combinei com o pessoal: “Vamos conservar aquilo”. Porque essa gente que faz papel, voto, essa brincadeira da cidade também aqui não existe prá poder criar problema. Agora você começa isso, você já pode ter documento do reitor... como é que fala?

F. — Eleitor.

JURUNA — Eleitor pra poder votar, você vai ter depois, mas você vai ser tutelado, também depois. Então vamos continuar, vamos conservar a natureza nossa. Porque a natureza é direito do índio, ninguém pode tirar pra poder passar à vida do branco. Eu não queria aceitar também ser o chefe da comunidade, mas como eu quero ajudar mais o índio, por isso eu aceitei. Prá poder assumir mais como chefe deles. Porque ninguém conhece a cidade, ninguém sabe correr às autoridades, ninguém sabe pra poder inventar qualquer coisa. Se tivesse outro que entendesse como eu, eu não vivia como chefe, eu posso viver em casa, tudo em paz, trabalhava à vontade, sem briga com ninguém.

F. — Toda vez que você vem a São Paulo você traz um índio com você pra mostrar a cidade, por que você faz isso?

JURUNA — Porque eu quero mostrar a ele também como é que é a vida da cidade também, como é que a cidade funciona, então eu quero mostrar, porque eu não quero saber só pra mim. Se eu morro, quem vai entender-se com o pessoal? O pai do meu bisavô veio pequeno, assim, 15 anos, parece que foi de descendência afastada de portugueses. Ele conheceu primeiro o português.

F. — Ele estava aqui na hora que os portugueses chegaram?

JURUNA — Dividiu o grupo, dividiu irmão. Então esse bisavô, o pai do meu - como é que fala?

F. — O pai do bisavô, tataravô.

JURUNA — É, tataravô. Então veio, foi mandado, então, por exemplo: você é meu irmão. Então eu posso mandar você comprar esse colar

e você vai pra lá. Eu tomo um rumo e você vai pra lá. Então esse irmão do bisavô, saiu pra lá. Então esse irmão ficou com os portugueses, se misturando com eles. Ai depois ele nunca voltou pra poder encontrar o irmão. Então foi sempre se afastando e outro se afastou pra cá, pra trás, pra selva.

F. — Ah? quer dizer que teve uma parte que acabou se misturando com o português e desapareceu?

JURUNA — Desapareceu. E a outra parte, nós continuamos a raça.

F. — Agora, diga uma coisa, voltando àquele assunto anterior. Quando você foi a Brasília, com o gravador na mão, quem lhe deu aquele gravador.

JURUNA — Eu comprei o gravador.

F. — Você comprou? Com o seu dinheiro?

JURUNA — Com o meu dinheiro.

F. — Bom, quando você apareceu lá com o gravador, você virou notícia e saiu em todos os jornais do Brasil, qual foi o resultado daquilo, aquilo ajudou você?

JURUNA — Ora, esse jornal também me ajudou muito também. Porque esse homem que entrou, o diretor da FUNAI ele não entendia nada, não entendeu o problema do índio. Eu sabia, eu o conhecia antes de ele ser diretor da FUNAI. Ele trabalhava lá no Ministério do Interior.

F. — No Ministério do Interior?

JURUNA — É. Ele é amigo do Rangel Reis. Então com isso ele foi ao Ministério pra poder tomar conta do índio, pra ser diretor da FUNAI, né? então ele foi mandado pra lá. Então, antes dele ser diretor, eu conversei com ele: “olha, o Wanderbrook, o que é que o senhor é?”. Ele disse: “Eu estou procurando dinheiro dentro do Ministério pra mandar dinheiro pra FUNAI pra poder atender o índio”.

F. — Foi ele?

JURUNA — Foi o que ele disse pra mim. Ai está bom. Então ele me falou: “Olha Mário, você já foi com o presidente da FUNAI?” Já, sim. Já falei com ele. “Então, porque você não pode voltar pra Mato Grosso?” Porque eu quero falar uma vez com o presidente, eu vou pra Brasília. Ai eu perguntei a ele também. Então o que

é que você é? Como você chama? “Eu me chamo Wanderbrook. Eu trabalho lá no Ministério do Interior. Eu estou procurando dinheiro na FUNAI pra poder ajudar o índio”.

Então eu disse a ele: então você vai cuidar do seu serviço no Ministério. Aqui, quem manda aqui é a FUNAI. Ai, então, ele ficou sem graça. Depois, ele entrou como diretor da FUNAI. Ai quando pela terceira vez eu fui a Brasília, pra poder discutir o problema de trator de Mato Grosso...

— F. — Tratores?

JURUNA — É. Ai então ele meteu o pau no índio.

— F. — Meteu o pau no índio?

JURUNA — É. Ele não recebeu a visita do índio.

— F. — Não quis receber?

JURUNA — Ele me recebeu sem querer.

— F. — Como é que é isso?

JURUNA — Ah, sim, ele me recebeu sem querer. Porque toda vez, ele não recebia nenhum índio. Índio voltava sem falar com ele. O índio voltava sem falar com o presidente da FUNAI. Ele é que trancava a porta para não poder falar com o presidente.

— F. — Trancava a porta para não falar com o presidente da FUNAI?

JURUNA — Prá não falar com o presidente, que é da FUNAI.

— F. — Como é que chamava?

JURUNA — Quem?

— F. — O presidente da FUNAI.

JURUNA — Esse era o presidente da FUNAI esse tal de Ismarth.

— F. — O Ismarth?

JURUNA — É. Ai que comprei o gravador em Cuiabá, ai eu usei o gravador. Eu fui pra FUNAI, entrei com o gravador dentro da pasta. Entende? Arranjei gravador (risos). Cobri tudo. Então eu gravei tudo. Ai eu cumprimentei ele. Coronel Wanderbrook tudo bem? Tudo bem, sim. Ai então ele estava conversando assim: “olha Mário, eu já mandei o projeto dos Xavantes, já mandei trator em cima da serra, pra poder derrubar cerrado e agora como é que você chegou aqui? Eu mandei recado

para todos os índios do Brasil, que não precisa vir mais aqui, porque o dinheiro está acabando. Não tem dinheiro pra pagar o índio. E agora você aparece aqui? Como é que vou atender você?” Ai eu perguntei, quando você mudou o trator pra lá, qual o dia, que você mandou o trator? Você me dá a data por escrito, que eu vou ver depois. Eu nunca vi você mandar o trator. “Não, não, não Mário, eu mandei com o Cláudio, chefe do projeto, mandei o trator pra lá, pra poder cultivar a terra dos Xavantes, de Mato Grosso. Agora você vem aqui? O que é que você vai resolver aqui?” Ai então ele disse, “eu vou criar dois postos da FUNAI, dentro da reserva de São Marcos”.

— F. — Ele falando?

JURUNA — Eu crio dois postos dentro da reserva de São Marcos. Então eu falei pra ele: Será que o senhor tem poder pra criar dois postos na reserva dos Xavantes? — Olha, eu falei pra ele, como é que o senhor vai criar dois postos na reserva de São Marcos? Você não tem autoridade pra criar dois postos da FUNAI dentro da reserva de São Marcos. Índio não recebe nem um tostão, e agora você vai botar chefe de posto, que vai ganhar um salário à custa do índio. Então eu não aceito que se criem dois postos. Vamos encerrar. Eu não aceito.

— F. — Você queria um posto só?

JURUNA — Não queria nenhum.

— F. — Ficar o terreno livre pra você.

JURUNA — Ficar o terreno livre. Agora, a gente bota o chefe de posto, ele ganha, tudo, ganha comida, e o Cacique o que é que ganha? Nada. Então o Cacique, que trabalho muito mais que o chefe de posto. Quem dá bom conselho para os índios? Quem enfrenta briga? Quem ajuda tudo. Agora chefe de posto, vai fazer o quê? Sem fazer nada. Ai eu falei com ele. Ai, depois, ele parou a conversa. Ai eu desliguei o gravador, também. Ai então ele percebeu o gravador. “Olha Mário, o que é que você está gravando?” Eu estou gravando o que o senhor está dizendo. O que você está

“Meu povo vai desaparecer, mas vou continuar lutando no meu tempo”

falando, o que você está dizendo está gravando aí.” Não, mas você não pode usar gravador. Eu não aceito gravador aqui dentro da minha sala, ninguém pode usar gravador não é concedido usar gravador aqui na minha sala..” Aí de novo eu gravei. (risos).

—F. — Você gravou ele falando tudo isso?

JURUNA — Falando tudo. Aí ele queria tomar o gravador. Ele pediu “dá licença, dá licença, me dá o gravador, você não pode gravar”. Então eu falei, negativo, você não vai meter a mão, senão eu estouro a FUNAI.

—F. — Como que é?

JURUNA — Senão eu vou estourar a FUNAI. Você não pode pegar nada o gravador. Eu comprei, eu gastei o meu dinheiro. Se você tivesse doado este gravador, você teria o direito de tomar. Mas, como é meu, você não pode tomar não, aí, ele não aguentou e ficou chateado, ficou aborrecido.

Ele não aguentou eu poder gravar mais ainda. Ele ficou aborrecido com o gravador. Ficou chateado. Então ele disse, “quero conversar sem gravador”. Aí eu não satisfeito, também, então vamos gravar o que você está falando. “Não, Mário, você não pode gravar, você vem com o gravador na bolsa, você não está acreditando na FUNAI, não está acreditando no governo. Por que você usa o gravador prá papo furado? Não pode”. Aí então eu disse esse gravador estou usando, porque não é papo furado. O gravador é como meu documento, você pode aceitar o gravador. Não é proibido a gente andar com gravador, quem quiser pode usar gravador, quem quiser pode gravar o canto dos Xavantes, cantando hino. Então, aqui eu uso a mesma coisa também (risos). Aí ele parou a conversa também. Eu levantei, estava acompanhando a ele. Aí ele falou, “olha Mário, vamos, parar o gravador. Sem o gravador eu posso conversar com você, com gravador eu não converso nada”. Aí a gente estava gravando, estava gravando (risos). Aí, depois, ele falou prá mim, “olha Mário desse jeito eu vou brigar com você, eu sou seu amigo, mas você está gravando tudo a minha voz, eu vou brigar com você”. Aí então eu falei prá ele: olha Wanderbrook quando você quiser pode brigar, você pode chamar a Polícia prá poder me prender. “Não, eu não brigo com você, eu não posso fazer nada”. Então porque você falou isso? (risos). Se você vai brigar, então vamos começar a briga. Você que costuma pisar em cima do índio. Você costuma brigar com todo o mundo. Mas, comigo você não vai brigar não. Quem recebe tapas é eu ou você. Vamos receber dois tapas, você e eu vou receber também. Não, eu não vou brigar com você não. Então está bom, então vamos continuar a gravar. Aí ele disse: — “Olha Mário, você está pedindo bala a vida inteira, nem o presidente da FUNAI dá autorização prá poder comprar bala, eu não te dou bala, eu não vou comprar. Eu não vou comprar bala 22.”

F — Bala calibre 22?

JURUNA — É. Aí ele me respondeu também. Olha Wanderbrook, se você não quiser não compre. Eu não vou chorar porque você não vai comprar. Se você não quer não compre. Eu não vou pdeir. Não Mário, não sou eu quem não quer comprar, porque não tenho autorização prá poder comprar



bala “22” prá índio. E depois o índio quer matar o pessoal, quer matar posseiro, depois branco sem vergonha vem falar aqui mal da FUNAI, então é melhor a gente não comprar nada”. Então eu respondi: olha Wanderbrook, o índio é melhor, que quer defender o direito dele. Quem mata índio, que atira no índio, é o fazendeiro, ele merece morrer também. O posseiro, merece morrer também. “Não, não pode fazer isso, porque tem polícia prá isso, tem polícia defendendo o índio. Tem FUNAI prá isso, está defendendo muito o índio”. Então eu, prá não dizer, olha, a FUNAI quer defender o índio, a polícia quer defender o índio, cadê o serviço da Polícia? Já fez alguma coisa com Bororós? Os Bororós tiveram cinco índios baleados, morreu o índio Simão. Morreu o padre Randalfo, nem polícia não fez coisa nenhuma, só fez serviço muito mal. “É, você está falando muito mal em nome da autoridade, você é contra isso, não pode falar isso”. Eu não sou funcionário da FUNAI, eu não sou escravo de ninguém, eu sou muito mais empregado do que qualquer cidadão. Isso eu disse pro presidente e pro Ministério. Porque os ministros, o ministro da Justiça, existe prá proteger o índio. Agora, parece que ninguém está protegendo gente da pobreza. O ministro da Justiça protege mais a gente rica. Eu acreditava, se eu vejo eu acredito, eu acredito. Mas infelizmente eu nunca tenho visto o fazendeiro ficar na cadeia. Eu acredito que quem sofre na cadeia não é a gente rica.

Aqui na terra não existe justiça não. Justiça é o dinheiro, esse que manda no povo. Então eu sai e fui embora. Aí despedi, cumprimentei ele e fui embora.

F — Você alguma vez já tentou falar com o presidente Geisel?

JURUNA — Várias vezes.

— E não conseguiu?

JURUNA — Não consegui, tem muito funcionário que trabalha na porta desse gabinete, não deixa passar lá.

F — Escuta aqui, o que é que você gostaria de falar com o presidente Geisel.

JURUNA — Ah, esse problema da reserva, o problema do povo brasileiro.

F — Do povo brasileiro?

JURUNA — Do povo brasileiro, o problema do índio também, problema do branco, problema do Brasil, eu quis discutir isso.

F — E quando você pede prá marcar essa audiência com o presidente Geisel, você vai lá como o chefe de uma Nação?

JURUNA — Eu falo prá ele como o chefe de Nação.

F — Se você é chefe de uma Nação Xavante, o Geisel é chefe de que Nação?

JURUNA — É chefe da Nação Brasileira, ué, do povo do Brasil.

F — E você?

JURUNA — Eu sou chefe de uma comunidade, Nação dos Xavantes. Mas eu posso ser chefe da Nação, também. Eu tenho contato muito com o pessoal também. Porque o Chefe existe prá poder atender todo o mundo, prá poder receber todo o mundo. O chefe existe como o pai de todos.

“A História a gente guarda na memória, não rasga, não queima, não some”

F — Quer dizer que você se sente em condições, se fosse o caso, de dirigir o País. O que é que você faria se você fosse o presidente da República?

JURUNA — Olha, se eu fosse o presidente da República eu faria muita coisa bem feita, viu? Muita coisa bem feita. Mudava tudo.

F — O que é que você mudava, como é que começava?

JURUNA — Primeiro, eu ia ver o limite do Brasil. Primeiro eu devo saber o tamanho da Nação do brasileiro. E quanto quantidade que existe de povo no Brasil, ver o problema do Brasil, ver o problema do índio, ver o problema do fazendeiro. Eu perguntava quanto o fazendeiro usa de hectare, a terra, quantas fazendas que existe, com quantos hectares cada uma. Ai eu tirava metade pro povo que precisa. Deixar um pouco pro fazendeiro para ele poder sustentar a família dele. Aquilo que sobrou, deixava prá outro povo, o brasileiro mesmo. O fazendeiro seria obrigado a pagar posseiro, também que trabalhou, que lutou, fez sacrifício prá poder ganhar. Então obrigado pagar, quem não pagar merece a cadeia. Quem mata posseiro, ele merece a cadeia também. Eu mudava tudo. Eu não receberia dinheiro do sangue do povo que morre, matado assim. Quem mata o povo merece a cadeia. Quem rouba a coisa do outro, ele merece a cadeia.

F — Que mais você faria se fosse presidente da República.

JURUNA — Pois é, agora, eu poderia procurar tudo aqui. Ver tudo o que existe à minha sombra. Quem está morando no meio do Brasil, de estrangeiros, então eu mandava de volta prá terra deles. Aqui é povo brasileiro, pode cultivar na terra. Então você procura a sua terra, onde você foi criado. Esse presidente também já é misturado. Já pessoal que soube do presidente da FUNAI, todos são misturados. Eu nunca tinha visto o povo brasileiro que tomou conta do Brasil. Então mudava tudo. E acabava com padre estrangeiro aqui no Brasil, porque aqui, o estrangeiro nunca falou em dar dinheiro para o Brasil. Ele está fabricando o dinheiro aqui na terra à custa do brasileiro, está fabricando dinheiro prá terra dele. Eu tirava tudo, fechava tudo, limpava tudo.

F — E aqueles que são portugueses, os que vieram de Portugal, como é que ficava?

JURUNA — Bom, quem já foi criado aqui não tem jeito também prá tirar. Quem já nasceu aqui no Brasil não tem jeito prá tirar. Então, já está misturado mesmo, eu não ia fazer nada com ele. Agora, pessoa pura, é portuguesa, é italiano, é pura, a gente mandava de volta.

F — O que é que você veio fazer em São Paulo, agora.

JURUNA — Vim d'ar satisfações e pedir às empresas, também, para ajudar o povo Xavante, de Mato Grosso, prá poder conseguir algum material e roupa e máquina e tecido ou dinheiro, quem quiser dar, quem não quiser, não tem problema.

F — Que tipo de máquina?

JURUNA — Costura e quem quiser pode doar trator também.

F — Você aguentaria viver aqui?

JURUNA — Não, está doido (risos). Eu não aguentava.

F — Quando foi que você viu pela primeira vez um prédio assim grande?

JURUNA — Há quatro anos. Eu achei muito esquisito esses prédios também, não sei por que a gente inventa isso. As vezes porque não tem terra, às vezes porque não tem lugar pra ficar, então inventa esse prédio. Na cidade o índio vai ver como o peixe que vive fora da água. Se tivesse menos recursos a cidade eu achava bonito. Quanta gente mora aqui na riqueza, riqueza do povo também não gosto muito não.

F — Tem muita pobreza aqui?

JURUNA — Tem muita pobreza e tem muita riqueza também. Riqueza do homem é prédio, riqueza do homem é o automóvel, o avião.

F — E qual é a riqueza do índio?

JURUNA — Riqueza do índio é festa, corrida, a alegria dele, isso é que é a riqueza dele. Riqueza do índio não é assim não, a gente fica louco, viu?

F — Agora, há algum tempo houve uma reunião de caciques, de chefes de tribos de todo o Brasil.

JURUNA — Já houve no Rio Grande do Sul, lá na reunião com todos os chefes de comunidade mas a FUNAI dispersou a reunião.

F — Você não foi nessa reunião?

JURUNA — Eu tinha saído pra São Paulo, naquele tempo. Então, chegou a carta do Rio Grande do Sul e eu já tinha preparado a viagem pra cá. Ai, depois não deu pra ir ao Rio Grande do Sul. Eu tinha recebido a comunicação de Anamacurá pra poder voltar para Anamacurá, ai eu voltei para Anamacurá, ai eu perdi a reunião. Ai depois parece que a FUNAI dispersou a reunião dos 150 índios, do Rio Grande do Sul.

JURUNA — Se eu tivesse no Rio Grande do Sul não tinha dispersado reunião. A Funai parece que ela tem medo também, por que cadavez que a gente vai fazer reunião de todas as Nações, de todo o Brasil de chefes de comunidades, índio vai trocando informações. Então por isso que a FUNAI dispersou a reunião do índio.

F — Você acha que é possível organizar outra reunião?

JURUNA — Parece que já tem assim. Eu já escutei muito que vai haver em 78 uma outra não sei aonde.

F — Que idéias você vai defender numa reunião que nem essa?

JURUNA — Olha! Eu vou discutir muitas coisas, viu? o problema do invasor.

F — Como é que hoje você vê o futuro dos índios?

JURUNA — Eu vejo muita coisa, muita coisa. Tem muita coisa errada de sofrimento do índio. Índio vai desaparecer.

F — Você acha que os índios vão desaparecer?

JURUNA — Vão desaparecer sim.

F — E o seu povo, também vai desaparecer?

JURUNA — Sim, também vai desaparecer.

F — Então por que é que você continua lutando?

JURUNA — Eu vou continuar enfrentando muito, durante o meu tempo.

F — Você está preparando gente, prá continuar enfrentando?

JURUNA — Estou preparando prá poder continuar, sempre.

